

de

Director Responsável

RUY MESQUITA

Directores

José Vieira de Carvalho Mesquita
 Júlio de Mesquita Neto
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
 Ruy Mesquita
 César Tácito Lopes Costa
 José M. Homem de Montes
 Oliveiros S. Ferreira

CO MESQUITA

Onde buscar a força para legitimar nossa perestroika

Encastelados em Brasília, a poucos metros uns dos outros, os parlamentares constituintes e alguns homens do Executivo, com seus séqüitos de assessores, apaniguados e cupinchas, circulam, falam e posam como se estivessem promovendo uma ação político-administrativa em perfeita consonância com as aspirações da nação brasileira.

Os constituintes, com meia dúzia de exceções que se perdem num universo de mais de 550 deslumbrados, confessam-se absolutamente satisfeitos com a grande (???) obra que estão escrevendo. Esse embalo otimista atinge também prefeitos, governadores, autoridades e políticos de todas as dimensões e importâncias. Os que vivem nesse embalo — alguns, como o governador Orestes Quércia, para alimentar o processo de auto-estima gastam ainda rios de dinheiro público em promoção pessoal — só se esqueceram de uma coisa: consultar o povo para ver o que os pretensos “beneficiários” de suas ações realmente pensam deles. Se consultassem — e nada mais aconselhável numa democracia do que uma eleição para isso — veriam que a distância entre o que eles dizem e fazem e o que pensa e quer o brasileiro comum já pode ser medida em anos-luz ou em milhões de votos. É o que mostram, confirmando outros trabalhos idênticos, duas pesquisas de opinião pública divulgadas esta semana.

Uma sondagem patrocinada por um importante grupo de empresários paulistas que não foi publicada pelos jornais mas foi exibida em off para um repórter do Jornal da Tarde revelou, entre outras coisas, que 87% da população brasileira não têm qualquer interesse ou, então, interesse apenas reduzido por política. A mesma pesquisa constatou que a imensa maioria da população — 73% — acha que nada vai mudar e pode até piorar no País depois de promulgada a Constituição. Está aí, em toda a sua dimensão, o grau de credibilidade que a classe política nacional desfruta hoje, mesmo com todas as concessões que vem fazendo ao populismo e ao paternalismo na Assembléia Nacional Constituinte. Ou até mesmo por causa delas: o povo brasileiro não se deixa mais enganar por essa gente e sabe, perfeitamente, que as tais “benesses” que dela está recebendo irão custar-lhe muito caro no futuro. Quem confiou no Plano Cruzado e até agora ainda está pagando por ele dificilmente cairá em outro “conto do vigário” dos mesmos personagens que de alguma forma foram responsáveis por ele.

Essa desconfiança, essa descrença, estão plenamente confirmadas em um outro levantamento de opinião pública, realizado na cidade de São Paulo em abril último pela Alcântara Machado, Periscinto Comunicações Ltda. e divulgado pela Gazeta Mercantil. O grau de confiabilidade dos políticos e governantes, por exemplo, é lastimável e vem caindo cada vez mais. Dos entrevistados, 70% (contra 60% em outubro) confessaram-se absolutamente descrentes dos políticos e dos partidos; 68% (contra 66%) dos ministros; 63% (contra 55%) do presidente; 61% (contra 55%) do governador; 60% (contra 70%, o único que diminuiu) do prefeito. Na outra ponta, a da confiança total, os índices alcançados por essas instituições beiram o ridículo. Têm muita confiança nos ministros, 1% dos entrevistados; nos partidos e nos políticos, 2%; no presidente, 3%; no prefeito, 4%; e no governador 5%. A preocupação com a falta de liderança nacional aumentou de 4% em junho de 1986 para 27% em abril passado. Assustam também a falta de solidariedade do ser humano (27%) e a falta de honestidade das pessoas (21%).

Mas não é só isto: entre as grandes preocupações da população paulistana, a corrupção dos órgãos públicos aparece em primeiro lugar, com 38%, ao lado da violência urbana (assaltos e crimes) e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Acima da questão dos salários (32%), do preço dos alimentos (25%), dos tóxicos (25%), do desemprego (36%), do conjunto aluguel/moradia (23%), da destruição da natureza (28%), da educação dos filhos (33%) e da indefinição sobre o futuro do País (26%). Segundo observou a antropóloga Renata Gouveia Delduque, coordenadora da pesquisa, nos dez levantamentos semestrais realizados anteriormente, o foco das preocupações dos paulistanos era a violência, o desemprego, a corrida permanente do salário atrás da inflação e o custo dos alimentos. É evidente que não poderia ser diferente no País da raspadinha, da intermediação de verbas públicas, do uso político-eleitoral dos órgãos governamentais e do dinheiro do povo: a corrupção tinha mesmo que assumir o primeiro lugar.

Embora o presidente José Sarney e seus ministros apareçam também com cotações baixas nessas sondagens, eles parecem (os ministros econômicos muito antes do presidente e de outros ministros) os únicos que perceberam que, definitivamente, continuar por esse caminho não é a melhor maneira nem para recuperar a popularidade perdida nem, menos ainda, para resolver os problemas do País. Esta consciência está clara nos ministros Mafonso da Nóbrega e João Baptista de Abreu desde o momento em que eles assumiram o comando da economia e se dispuseram a iniciar a nossa perestroika enfrentando a poderosa burocracia estatal. E, a julgar pelos últimos acontecimentos, eles conseguiram “fazer a cabeça” do presidente Sarney que vem sustentando com firmeza surpreendente as suas batalhas mais difíceis, como aconteceu na última sexta-feira quando foi acionada a guilhotina sobre o pescoço do brigadeiro falastrão do EMFA.

O que essas duas pesquisas — e todas as outras do mesmo tipo feitas nos últimos tempos — mostram é que o País real, o País dos que trabalham e produzem, está cansado desses falsos mágicos que sempre ficam com os melhores coelhos — quando não com todos — em suas cartolas. O Brasil real quer realismo, decisões corajosas, não importa se simpáticas ou não. O presidente Sarney, que é um homem preocupado com seus índices de popularidade, poderá sentir esta verdade — e certamente sentirá — depois desta corajosa decisão de fortalecer seus ministros econômicos.

Os brasileiros já se cansaram dos “políticos” que estão levando o País à bancarrota e prepararam-se para meter um pé na b... deles. Na próxima eleição, o candidato que quiser votos vai primeiro precisar apresentar um atestado de bons antecedentes comprovando, antes de mais nada, que nunca foi um “político”, daqueles com aspas.

Na sexta-feira passada, o presidente José Sarney deu um passo decisivo para tirar essas aspas depreciativas desta sua qualificação.